



## Diodoro de Sicília: o historiador mal amado

Cynthia Cristina de Morais Mota<sup>1</sup>

### Resumo:

Diodoro de Sicília, historiador que viveu no século I antes da época comum, escreveu uma obra intitulada *Biblioteca Histórica* constituída de quarenta volumes dos quais restaram integrais apenas dos livros I ao V (fragmentos dos livros VI ao X), e dos livros XI ao XX (fragmentos dos livros XXI ao XL). O autor escreveu em sua monumental obra a história universal desde os primórdios (incluindo história egípcia, história dos povos bárbaros, história grega e romana) até a sua própria época (última data citada por Diodoro diz respeito à colonização de Tauromênion, empreendida no reinado de Otávio [XVI, VII, 1]). Entretanto, Diodoro nunca foi considerado, nem em sua própria época, nem em épocas posteriores, um historiador original: sua obra foi considerada uma cópia incessante de outros autores. O centro da controvérsia nos tempos modernos (a partir do século XIX) foi a *Quellenforschung* (pesquisa das fontes) que tentou buscar no texto diodoriano autores perdidos (que ele cita explicitamente em sua *Biblioteca*) da época helenística, como se o mesmo apenas os tivesse copiado. Essa pesquisa teve por objetivo resgatar a originalidade da *Biblioteca Histórica*, buscando conferir a seu autor a *autoria* de seus escritos. Longe de ser um mero copista, Diodoro é um historiador-educador, que busca instruir seus leitores dando um caráter de *utilidade* no aprendizado de uma vida *correta e justa*.

**Palavras-chave:** Período Helenístico; Historiografia Antiga; Diodoro de Sicília.

### Abstract:

Diodorus Siculus, a historian that lived in the first century before the Common Era, wrote a work entitled *Library of History* constituted of forty volumes from which remained intact only the books I through V (fragments of the books VI through X), and from the books XI through XX (fragments of the books XXI through XL). The author wrote in this monumental work of universal history since the primordial times (including Egyptian history, barbaric peoples history, Greek and Roman history) through his own (last date mentioned by Diodorus concerns the Tauromenion colonization that took place during the reign of Octavian [XVI, VII, 1]). However, Diodorus has never been considered, not even on his own time, nor in the eras after that, an original historian: His writings were considered an inexorable copy of others authors. The focus of this controversy in modern times (starting in the XIX century) was the

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social (USP). Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

*Quelleforschung* (sources research) that intended to search on the diodorian texts for lost authors (that he explicitly quotes in his *Library*) from the Hellenistic era as if they were solely copied. This research aimed to reclaim the originality of the *Library of History* seeking to confer to its author the authorship of his writings. Far from being a mere copyist, Diodorus is a historian-educator that seeks to instruct his readers giving a *utility* character in the learning of a *correct* and *just* life.

**Keywords:** Hellenistic period; Historiography; Diodorus of Sicily.



“Diodoro de Sicília: o historiador mal amado”. Assim François Chamoux intitula seu artigo sobre o autor da obra monumental *Biblioteca Histórica*, escrita no século I antes da época comum, que abarca toda a história universal – dos primórdios à época em que o próprio autor vivia (última data citada: colonização de Tauromênion, ano 21 [BH, XVI<sup>2</sup>, VII, 1]).

A obra levou trinta anos para ficar pronta e consumiu grande parte da vida de Diodoro, um homem culto que viajou até Alexandria, do Egito, para pesquisar em sua famosa biblioteca, conhecia os arquivos romanos e sabia latim. A *Biblioteca* era constituída de quarenta volumes, dos quais vinte e cinco se perderam. A narrativa diodoriana comporta toda a história grega dos povos não gregos, contendo descrições de locais e lugares conhecidos (com utilização de mapas) da *oikoumēne* de sua época.

Entretanto, Diodoro foi um dos historiadores mais criticados tanto em sua própria época quanto na longa tradição da historiografia grega. A “acusação”, na realidade, é bastante simples: autor sem qualquer originalidade, esquematizou sua obra copiando pura e simplesmente os historiadores seus predecessores. Não há, para seus detratores, ao longo de toda a sua obra, algo que possa ser considerado *seu* ou feito *por ele próprio*. Junte-se a isso o fato (aliás, bastante doloroso), de que praticamente toda a

---

<sup>2</sup> Citações de capítulos em algarismos romanos provêm da Edição Les Belles Lettres e em algarismos arábicos da Edição Loeb Classical. Diodoro ainda não foi integralmente publicado pela editora francesa Les Belles Lettres.

historiografia do período helenístico se perdeu de maneira irremediável. Através de Diodoro, poder-se-ia “reconstituir”, por meio das citações de autores que ele mesmo enumera em sua obra, parte significativa de historiadores muito melhores e mais brilhantes do que ele.

Deve-se creditar tal desdém a Diodoro, nos tempos modernos, à historiografia alemã do século XIX, oriunda de uma verdadeira fixação pela *Quellerforschung* (pesquisa das fontes). Na pesquisa por fragmentos de vários autores que não chegaram até nós, buscou-se de todas as maneiras recuperar o que havia sido perdido. Se há legitimidade na realização de tais pesquisas, nada garante, por outro lado, que a citação de algum autor assegure “completa fidelidade” ao que o primeiro disse. A leitura e a interpretação de textos têm em si um componente intrínseco de subjetividade que não pode ser simplesmente adotado como uma citação literal. Antoine Compagnon aborda a citação mostrando claramente como nesse processo de leitura realizamos a *nossa leitura*:

Quando cito, extraio, mutilo, desenraizo. Há um objeto primeiro, colocado diante de mim, um texto que li, que leio; e o curso de minha leitura se interrompe numa frase. Volto atrás: re-leio. A frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do que lhe é posterior. O fragmento escolhido converte-se ele mesmo em texto, não mais fragmentado de texto, membro de uma frase ou discurso, mas trecho escolhido, membro da frase ou do discurso, mas trecho escolhido, membro amputado; ainda não enxerto, mas já é órgão recortado e posto em reserva. Porque minha leitura não é monótona nem unificadora; ela faz explodir o texto, desmonta-o, dispersa-o. É por isso que, quando não sublinho alguma frase nem a transcrevo na minha caderneta, minha leitura já procede de um ato de citação que desagrega o texto e o destaca do contexto. (COMPAGNON, 1996 [1979], pp. 14-15)

Um exemplo interessante para compreender o processo de leitura e de como o leitor se “apropria” do texto lido dando a ele sua marca pessoal é a obra monumental de Fócio, o grande patriarca que resumiu as principais obras da Antiguidade, muitas das quais ainda não haviam se perdido em sua própria época (século IX d.C.).

Os “resumos” do patriarca de Constantinopla mostram os limites da “fidelidade” ao texto. Seus resumos de Heródoto ou Tucídides, por exemplo, podem ser comparados com os textos dos respectivos autores uma vez que eles chegaram até nós de maneira

integral: pode-se, desse modo, ter uma ideia de como Fócio leu e compreendeu tais autores, efetuando uma comparação. Entretanto, com os autores perdidos, há de se fiar em Fócio e em sua leitura que nos guia? Ou seria mais apropriado pensar que, mesmo tendo sido o Patriarca “fiel”, ele teria imprimido sua marca pessoal em tais leituras e, portanto, ver sua obra como uma das etapas do longo processo de recepção dos textos clássicos?

Tais colocações nos levam a pensar no próprio Diodoro: embora não seja o objetivo deste artigo abordar essa temática, ela está onipresente na discussão acerca da *Biblioteca Histórica*, uma vez que o autor em questão só foi utilizado como meio para se chegar aos tais autores perdidos, como Ctésias de Cnido, Timeu, Agatárquides, Éforo de Cumas, Hecateu de Abdera e muitos outros dos quais só tomamos conhecimento porque Diodoro os citou.

Mesmo que Diodoro não seja mais visto como um mero compilador (embora essa vertente ainda persista), sua obra nunca foi estudada *per se*, mas em partes, para abordar aspectos da história da Sicília ou dos diádocos (sucessores de Alexandre), por exemplo. Subsiste ainda a ideia de que Diodoro é um historiador menor, cuja mediocridade o coloca à parte da tradição historiográfica grega.

Nesta pesquisa, parto do pressuposto de que Diodoro, além de ser um historiador original, encaixa-se na tradição da historiografia inaugurada por Heródoto no século V. Não se trata aqui de fazer elogios ou críticas à escrita diodoriana, mas de reconhecer sua importância no seio dessa tradição e o fato de ter realizado uma pesquisa séria, a que devotou metade da sua existência.

Vivendo já em outra época, era natural que seus métodos de pesquisa e seus objetivos fossem diferentes de seus predecessores. O método da *autópsia* herodotiana já não fazia tanto sentido na época de Diodoro, uma vez que existiam arquivos e bibliotecas com farto material à disposição de pesquisadores; o conhecimento e o mundo de Diodoro eram sensivelmente maiores do que na época de Heródoto, além de as condições sociais e políticas terem mudado.

Penso poder situar Diodoro na vertente historiográfica inaugurada por Heródoto na medida em que Diodoro assim como Heródoto “foi [o primeiro] a compor um relato ordenado de uma guerra [...] e foi provavelmente o primeiro a utilizar estudos de

etnografia e de história constitucional para explicar a guerra por si mesma e prestar conta de sua origem” (MOMIGLIANO, 1983, pp. 18-19). Desse modo, a utilização da etnografia, pesquisa de história constitucional e história militar (embora os três elementos pudessem ser utilizados conjuntamente ou não)<sup>3</sup>, funcionou como pilar para os historiadores gregos. Heródoto também estabeleceu uma regra de ouro para os historiadores: a necessidade de explicar os acontecimentos que narravam. Para isso, buscavam as causas dos acontecimentos “notadamente no caso de guerras e revoluções” (MOMIGLIANO, 1983, p. 19). Diodoro cumpre também tais premissas metodológicas como seus predecessores o fizeram, realizando um trabalho que se encaixa nessa tradição.

O que sem dúvida turvou a real dimensão da *Biblioteca Histórica* na tradição historiográfica foi a obsessão alemã em buscar o *obscurus per obscurum*. No afã de chegar aos historiadores desaparecidos, Diodoro foi recortado e mutilado em uma série de historiadores que, por ironia, sua honestidade intelectual os fazia citar.

Os estudos realizados no século XIX e o desenvolvimento da arqueologia e de novos métodos de compreensão do passado (o desenvolvimento da filologia clássica, a busca por novos textos e materiais) fizeram com que os estudos sobre a Antiguidade Clássica e Oriental ganhassem dimensões ainda inéditas. O desconhecimento da Europa de seu passado longínquo fazia crer que, depois da Atenas clássica no século V, o que sobreveio foi uma decadência inexorável da civilização grega rumo aos esplendores do grandioso Império Romano. É na erudição alemã do século XIX, personificada por historiadores preocupados em construir uma história científica, que “nasce” o período helenístico, segundo Cabanes, “como a deusa Atena que saiu da imaginação de um único homem, Johann Gustav Droysen, que via no império de Alexandre uma unidade e uma coerência que a historiografia não reconhece mais” (1995, p. 9).

A forte influência da filosofia hegeliana sobre Droysen<sup>4</sup> marca o início de *Geschichte des Hellenismus* (1843), em que o autor mostra a civilização grega como

---

<sup>3</sup> Como o caso de Tucídides, que não realizou relatos etnográficos em sua obra.

<sup>4</sup> E sobre a historiografia alemã de um modo geral.

definidora da divisão Ocidente/Oriente (*Abendland/Morgenland*)<sup>5</sup>. Droysen influenciou e ainda influencia a historiografia alemã, assim como a historiografia do século XIX. Tendo em vista essa influência, não é de se espantar que ainda se necessite discutir a *Quellenforschung* diodoriana mesmo nos tempos atuais<sup>6</sup>.

Portanto, primeiramente é necessário abordar os debates acerca do helenismo e da posição em que se encontra a *Biblioteca Histórica* no seio dos estudiosos modernos. O diálogo com a historiografia alemã é inevitável, visto serem eles, até os dias de hoje, referência para os estudos diodorianos. Os alemães inauguraram os estudos da *Biblioteca Histórica* e a visão altamente negativa que a obra tem junto aos estudiosos é consequência direta dessa crítica.

A *Biblioteca Histórica* não foi ainda vista em seu conjunto ou foi estudada para descobrir quais autores Diodoro “canibalizou”, de quem copiou, para “ressuscitar” historiadores perdidos do período helenístico. Mesmo que o peso da *Quellenforschung* alemã tenha recebido ataques pesados nos últimos trinta anos (especialmente a edição do livro XVII das Edições Budé feita por Paul Goukowsky), é necessário ainda justificar as escolhas de Diodoro para “provar” que ele não agiu de “má fé” ou que tem suas “qualidades como historiador”<sup>7</sup>.

Deve-se, portanto, discutir o percurso da recepção da obra diodoriana na historiografia moderna e o papel exercido pelos historiadores e filólogos alemães em fixar uma *imagem* sobre os estudos clássicos construída sobre uma base tão erudita, que tornou a crítica a esse mesmo trabalho praticamente impossível durante longos anos. Paradoxalmente, isso impediu que durante muito tempo a obra de Diodoro pudesse ser vista como uma verdadeira contribuição para a compreensão da Grécia helenística, do papel dos livros e das bibliotecas na Antiguidade para a pesquisa histórica e, sobretudo, como um homem cultivado como Diodoro nos permite vislumbrar uma época cuja

---

<sup>5</sup> Segundo meu orientador na Alemanha, professor Martin Hose, esses termos não são mais usados na língua alemã. Okzident/Orient seriam as formas mais usuais, uma vez que tais palavras são de origem medieval e têm forte conotação religiosa.

<sup>6</sup> A tese de doutorado de Klaus Meister de 1967 (Munique) – *Die sizilische Geschichte bei Diodor von den Anfängen bis zum Tod des Agatokles*. *Quelleforschung zu Buch IV-XXI (A história siciliana de Diodoro do início até a morte de Agatócles*. Pesquisa das fontes dos livros IV-XX) – mostra bem como tal preocupação ainda motiva pesquisas. Trata-se de um clássico sobre os estudos diodorianos e ainda bastante utilizado.

<sup>7</sup> Como bem mostra SACKS, Kenneth S. *Diodorus Siculus and the first century*. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1990.

produção intelectual praticamente se perdeu. Sendo assim, quem quer que se dedique aos estudos sobre a *Biblioteca Histórica* ainda precisa justificar e “defender” seu historiador e sua legitimidade intelectual<sup>8</sup>.

Outra contribuição expressiva dada pelos gregos no campo da historiografia foram seus relatos sobre outros povos e culturas, com seus hábitos e costumes. Os historiadores que incluíam relatos etnográficos em sua narrativa fundamentavam-se na “consciência de uma diferença entre gregos e bárbaros e essa diferença parecia constituir ela mesma uma explicação suficiente” (MOMIGLIANO, 1983, p. 19). Mas o espanto provocado por culturas distintas da grega deu um tom bastante peculiar à historiografia grega que começou, também a partir de Heródoto, a anotar as diferenças entre “o nós” (os gregos) “e eles”, os bárbaros, o que acabou por permitir a construção de uma identidade grega.

A temática sobre o maravilhoso mostrou-se particularmente produtiva em minhas pesquisas<sup>9</sup>, na medida em que pude compreender melhor como os gregos percebiam-se diante do estranho e do surpreendente no encontro com culturas “bárbaras” no contexto das Guerras Pérsicas (nas *Histórias* de Heródoto). O *maravilhoso* herodotiano funcionava como estratégia epistemológica que possibilitava conduzir e alinhar a narrativa, permitindo uma *explicação* daquilo que o autor viu (através da *autópsia*) ou ouviu dizer.

Sua infinita curiosidade, que pretendia tudo abarcar em sua narrativa e a inserção de elementos maravilhosos e extraordinários, mostrava as limitações do narrador-historiador de tudo querer explicar. Heródoto percebia essas limitações quando inseria elementos maravilhosos na narrativa, pois, longe de serem simples elementos para tornar o discurso narrativo agradável para seu ouvinte-leitor, mostrava-lhe que não conhecia (ou não era possível conhecer) a *oikoumēne* em toda sua diversidade de povos, culturas e costumes.

---

<sup>8</sup> Não que Diodoro ou qualquer outro historiador não seja passível de crítica; não há “intocáveis”. Mas é necessário perceber a contribuição de historiadores com seus méritos e deméritos, sem haver, já no princípio, uma condenação peremptória.

<sup>9</sup> MOTA, C. C. M. *Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, pai da história?* Belo Horizonte: UFMG, 2004; MOTA, C. C. M. *The lessons of universal history of Diodorus of Sicily's: An education process of humanity.* Saarbrücken: VDM Verlag, 2010.

A narrativa herodotiana, com seus elementos maravilhosos, não comportava a diminuição da cultura dos “bárbaros”, mas, antes, mostrava sua perplexidade diante de tal diversidade. As críticas posteriores feitas a Heródoto abordavam exatamente o componente *fabulosus* em sua narrativa, e o fato de seu livro ter sido dividido em nove livros correspondentes às nove musas no período helenístico (momento em que sua obra estava bastante desacreditada) mostra a percepção de que sua obra estava aliada ao prazer que tal leitura poderia oferecer a seus leitores.

O *maravilhoso* na obra herodotiana refletia também um momento histórico da Grécia na euforia que se seguiu ao fim das Guerras Pérsicas. O triunfo da união dos gregos sob a liderança de espartanos e atenienses fez Heródoto ver os bárbaros não exclusivamente sob uma ótica negativa, mas também de ver no *outro* qualidades que julga importante mencionar. Retomando a análise de Hartog em seu livro *Mémoire d’Ulysse* (1996), a percepção que a sociedade grega fazia de si própria estava, naquele momento, atrelada a uma politização do *nómos*, dada a maneira altamente positiva que a Hélade fazia de si.

Longe de ser uma figura ameaçadora, o bárbaro era a figura ambígua por excelência. A descrição herodotiana ainda comporta uma descrição “total” da *oikoumēne* conhecida de sua época, buscando, principalmente através da *autópsia* (embora não somente através dela), narrar sobre povos, costumes e culturas singulares – porque diferentes do *modus vivendi* grego. Entretanto, os acontecimentos posteriores da história grega deram outra conotação não só à autoimagem grega, como às relações entre si, com os seus vizinhos e com “adversários naturais”: os persas.

Se durante as Guerras Pérsicas boa parte das *póleis* se uniram contra os persas (a sensação de triunfo provocados pela vitória da miríade de soldados persas e aliados marcou profundamente a mentalidade dos gregos), já durante a Guerra do Peloponeso os espartanos realizaram acordos com eles, no intuito de vencer Atenas e a Liga de Delos. A derrota fragorosa de Atenas para Esparta, a destruição dos muros da cidade e a instituição dos Trinta Tiranos retiraram da referida cidade a capacidade de resistir às pretensões do Império Aquemênida na Ásia Menor e aos gregos que lá viviam.

O século IV foi marcado, portanto, por uma mudança na correlação de forças no interior da Grécia e junto a seus vizinhos, notadamente os macedônicos. A ascensão de

Felipe II ao poder, suas conquistas fulminantes e o título que deu a si próprio de *hegémon* dos gregos demonstraram ser uma estratégia bem articulada dado o divisionismo entre (e no interior) as *póleis*. Felipe empreendeu uma extensa modificação no exército macedônico, construiu nova capital, Pela, e tinha como objetivo posterior a conquista do império persa. Não pode empreendê-la, pois foi assassinado.

Entretanto, a movimentação macedônica colocara importantes questões para os gregos e para os atenienses, em especial. Tratava-se de compreender em que medida as cidades gregas poderiam ainda exercer sua autonomia ou se alguma cidade estava em condições de exercer uma liderança (*hegemonía*) sobre a Grécia. O papel exercido por dois dos maiores oradores e políticos de Atenas, Demóstenes e Isócrates, mostra as dificuldades a que as cidades estavam submetidas diante do novo quadro político.

Também na Magna Grécia e Sicília a situação não era diferente: as pressões de cartagineses e romanos sobre as cidades gregas obrigavam-nas a viver em estado de constante tensão sob os tiranos e seus mercenários, que inviabilizavam qualquer situação de estabilidade. O poderio avassalador de Roma e Cartago e a luta entre as referidas potências mediterrânicas deixou os gregos da região totalmente desprotegidos e à mercê de interesses alheios aos seus. Apesar das intervenções dos gregos da Grécia própria e posteriormente do reino macedônico (Pirro), não foi possível a manutenção da autonomia.

Por outro lado, as cidades-Estados eram absolutamente ciosas de sua autonomia, de modo que a formação de alianças políticas ou militares a longo prazo mostravam-se não somente instáveis, mas geralmente fadadas ao fracasso. Isócrates percebeu bem tais dilemas que acompanhavam os debates políticos sobre autonomia e identidade grega: no *Panegírico*, 50, ele já afirmara que os gregos, mais do que uma raça, constituíam uma civilização. A civilização grega (e seu conceito adjacente de identidade), fora formada tendo por contraponto o *outro*. Independentemente da situação de desunião entre os gregos, era possível perceber uma série de valores comuns que denotavam a superioridade (na visão de Isócrates) diante dos bárbaros. Essa superioridade poderia, eventualmente, até mesmo prescindir das derrotas ou fracassos militares na ideia implícita, de que seus valores eram os ideais.

O caso macedônico é exemplar nesse sentido: Heródoto já afirmara, no século V (ainda que involuntariamente, pois na época os macedônicos não ofereciam qualquer ameaça aos gregos), a ideia de que, se eles não eram gregos “autênticos”, pelo menos não eram bárbaros no sentido literal, posto que remetiam a uma suposta ascendência grega (Heródoto, *Histórias*, V, 22). Na versão herodotiana, os macedônicos *queriam ser gregos* e admiravam sua cultura e modo de vida. Para poder participar das Olimpíadas, evento pan-helênico e vedado aos bárbaros, Alexandre Filoheleno, recitara sua genealogia que remontava aos argivos, convencendo os organizadores das Olimpíadas de que era descendente de gregos (Heródoto acreditou plenamente na versão que deu para esse acontecimento). Ele fizera tal afirmativa quando os macedônicos eram considerados ainda uma tribo bárbara ao norte e haviam colaborado com o exército persa durante as Guerras Pérsicas. As relações entre ambos foram bastante complexas e isso ficou evidente na época de Felipe II. O Argeada usara elementos da própria civilização grega para vencê-los. As intenções de Felipe se dirigiam para o Império Aquemênida que pensara conquistar.

Mas foi o filho Alexandre Magno o responsável por empreender a conquista, utilizando para isso, do ponto de vista ideológico, a ideia de que os gregos deveriam se vingar “das afrontas causadas pelo ‘bárbaro’”<sup>10</sup>. O uso, sem qualquer vacilação, de uma violência inaudita (como a destruição de Tebas)<sup>11</sup>, aliada à ideia de uma liderança (obtida não pelo consenso, mas pela força) sobre a Grécia, arrastou consigo os gregos para os confins do Oriente. Alexandre acreditava encarnar em sua pessoa os principais ideais gregos e, pelo menos até a conquista da Babilônia, viu-se como Aquiles (levou um exemplar da *Ilíada* de Homero anotada por seu professor Aristóteles), empreendendo verdadeira epopeia civilizadora (ou seja, de levar para os confins da *oikoumêne* os valores e ideais gregos).

O Conquistador levava na expedição à Ásia escritores, historiadores, agrimensores, navegadores, e tinha por objetivo não somente a conquista “na ponta da

---

<sup>10</sup> Tanto para Heródoto quanto para Ésquilo, Xerxes era o modelo do rei ímpio (o famoso episódio de açoite do Helesponto) e da *hýbris* bárbara. Mesma justificativa de Felipe que Alexandre não fez mais do que retomar.

<sup>11</sup> O uso da violência “contra gregos” provocou profunda consternação sobre o restante das *póleis*. Diodoro, mesmo sendo simpático ao Conquistador não deixa de reprovar nele esse ato a seu ver totalmente desnecessário (*BH*, XVII, XIII, 1-2).

lança” dos territórios orientais, mas também de se apossar deles do ponto de vista simbólico. Sob essa perspectiva, deve-se observar a necessidade do Conquistador em medir, contar, esquadrihar e conhecer os costumes da miríade de povos que compunham o vasto território aquemênida. Os escritos de seus colaboradores começaram a circular quase imediatamente ao período das conquistas.

A fundação da cidade de Alexandria do Egito (após a morte de Alexandre, o Egito estava sob a égide de Ptolomeu, filho de Lagos), com sua monumental biblioteca e museu, criou ambiente propício para a confluência dos novos saberes provenientes da nova ordem estabelecida por Alexandre e seus sucessores. Um estudo sistemático da *oikoumēne* e de seus povos foi empreendido com extraordinário sucesso. Áreas do saber começaram a se desenvolver movidas tanto pelo interesse estratégico no contexto da luta dos sucessores, como também sob o manto da velha e conhecida tradição etnográfica grega.

A geografia ganhou contornos mais precisos com os escritos de Agatárquides de Cnido e Eratóstenes de Cirene, que utilizaram conhecimentos matemáticos para medir os meridianos (também uma criação extraordinária, visto serem eles “imaginários”) e assim chegar a uma medida da Terra muito semelhante aos dias atuais. A diversidade dos interesses desses eruditos de gabinete era incrível. Não era mais necessário empreender longas viagens com o intuito de recolher material de pesquisa. Documentos reais com listas de povos, medições de estradas foram usados com o intuito de dar uma representação mais precisa da *oikoumēne*; estavam ali, na biblioteca ao alcance de todos, e ainda meticulosamente organizados em catálogos.

Os interesses desses eruditos pareciam não ter limites: estudos de datações foram realizados utilizando-se vários critérios, tais como listas de vencedores de jogos olímpicos e nomes dos arcontes de Atenas (posteriormente dos cônsules romanos). Estudos do corpo humano, incluindo dissecações, davam novas perspectivas para a medicina. Teofrasto, o mais ilustre discípulo de Aristóteles, desenvolvera a botânica com descrição de várias plantas. Os impérios selêucidas, antigônida e de Pérgamo rivalizavam-se com suas bibliotecas magníficas, que abarcavam as mais diversas áreas do saber. Escritos de alto teor extraordinário e fabuloso também tinham lugar em escritos de figuras do porte do poeta Calímaco (também foi diretor da biblioteca), que

elaborou extensos *pínakes* contendo material para futuros pesquisadores que se aventurassem por área tão querida do público cultivado.

Quando Alexandre partiu para a Ásia, muitos interesses estavam em jogo nessa busca incessante de acumulação e sistematização dos conhecimentos: primeiramente, tratava-se de preparar para uma árdua batalha de vencer o adversário em seu próprio campo. Realizada essa primeira parte, o Conquistador tinha planos de “unir gregos e bárbaros” sob uma mesma égide. Sua morte prematura não permitiu saber se uma empresa de tal magnitude seria realmente levada a cabo. É fato, entretanto, que Alexandre procurou em vida realizar tais ideias: seu casamento com princesas persas, as célebres núpcias de Susa, e os trajes “bárbaros”, com os quais passou aos poucos a se vestir, são indícios em que se pode perceber que, mesmo que essa suposta “união” entre gregos e bárbaros tenha tido motivos altamente pragmáticos, havia, por outro lado, uma tradição grega de valorizar elementos de outras culturas (o caso mais notório é a percepção altamente positiva que os gregos faziam dos egípcios): Xenofonte valorizou os hábitos e costumes dos persas.

Tal postura não foi, no entanto, unânime entre os gregos, como de fato não eram suas posições diante do Império Aquemênida: os tebanos permaneceram fiéis ao Grande Rei até o momento em que Alexandre aniquilou a cidade e seus habitantes. O discurso sobre os persas não foi, portanto, um discurso unificado (embora sempre onipresente nos escritos gregos). Sintomático das ambiguidades das relações entre ambos os povos é o destino dos estrategos e dos principais líderes das Guerras Pérsicas, o espartano Pausânias e o ateniense Temístocles<sup>12</sup> que terminaram seus dias na corte aquemênida. Tais ambiguidades ficaram mais claras a partir do início da Guerra do Peloponeso e tornaram-se combustível para a defesa dos mais variados interesses. Ao mesmo tempo em que o Grande Rei financiava os interesses dos espartanos, os atenienses tentavam, por outro lado, manter a hegemonia sobre as cidades da Ásia Menor, o que na prática não foi possível devido às perdas consideráveis de barcos de guerra em intervenções sucessivas no Egito, na Sicília e na guerra contra Esparta. As impossibilidades de repor as perdas materiais e humanas sofridas durante as guerras eram, de fato, um grande

---

<sup>12</sup> Durante o exílio aprendeu rudimentos da língua persa para poder conversar com o Grande Rei Xerxes, o que o impressionou vivamente.

obstáculo a um suposto “imperialismo”. Se houve a tentativa de “um imperialismo ateniense”, o mesmo não obteve sucesso<sup>13</sup>.

As mudanças provocadas pelas conquistas de Alexandre afetaram o mundo grego completamente, dando um caráter extraordinariamente universal a esse modelo: a expansão da *koiné* grega tornou-a a língua falada por toda a bacia do Mediterrâneo (até mesmo a elite culta romana falava e escrevia em grego); ao contrário da época de Felipe, em que houve uma “grecização” da Macedônia (com escolhas deliberadas de quais pontos da “herança grega” seriam adaptados aos interesses expansionistas e civilizatórios do Argeada), o que se via no período helenístico era uma intensa troca material, cultural e simbólica entre inúmeros grupos de culturas absolutamente distintas entre si. A busca desenfreada de uma (re)organização do mundo conhecido fazia com que os gregos procurassem conhecer esses povos (dentro da tradição etnográfica), mas também inúmeros outros povos procuraram expressar sua própria história, cultura e identidade a partir do ponto de vista helênico.

O helenismo enquanto fenômeno cultural permeou toda a discussão das elites cultas e médias de diversos locais como pode ser visto nas obras de babilônicos, egípcios e romanos escritas diretamente em grego. O aporte de riquezas provocado pelas conquistas efetuadas pelos greco-macedônicos tornou possível a formação de extratos médios das populações dos (e nos) mais diferentes pontos dos impérios que se formaram; dentre os hábitos urbanos e suas comodidades, tais extratos médios incluíam entre seus gostos pessoais a leitura.

A mobilidade das populações possibilitou ainda novas experiências de contatos culturais com influência direta sobre cultos religiosos (cada vez mais sincréticos), em comportamentos individuais e coletivos, criando uma certa identidade entre povos de diferentes regiões com gostos e comportamentos semelhantes<sup>14</sup>. A curiosidade que levava essas pessoas a consumir livros que tratavam de povos e costumes exóticos era

---

<sup>13</sup> Esparta, através da Liga do Peloponeso, nunca pretendeu exercer qualquer papel de liderança *de facto* entre os gregos. Incomodava-a, sobretudo, o fato de que os atenienses, através da Liga de Delos, acabassem por ferir o princípio básico da autonomia das cidades gregas e, principalmente, a sua própria.

<sup>14</sup> Não me refiro aqui à massa camponesa de pobres e explorados que permaneceu enraizada em seus locais de origem e que não adotou o modelo grego em seus costumes e língua. Exemplo disso é o próprio Egito, onde costumes ancestrais permaneceram em vigor e a *koiné* era desconhecida entre eles. Alexandria constituía, na realidade, uma exceção.

sensivelmente diferente da época em que Heródoto escrevera suas *Histórias*<sup>15</sup>: havia um forte misticismo que se manifestava ao mesmo tempo em que a insegurança grassava em meio às instabilidades no campo político e às mudanças constantes em relação à ordem vigente.

A maioria dos povos dos territórios conquistados na “ponta da lança” não se encontrava incluída nos benefícios advindos das conquistas. A dependência estabelecida por essas populações se dava na base da benemerência de evergetas, cuja *philantropía* estava estreitamente ligada aos sucessos nos campos de batalha; com poderes incomensuráveis do ponto de vista econômico, a Fortuna tanto de governantes quanto dos extratos médios variava com extrema rapidez.

As fortes doses de *mirabilia* pareciam estar estreitamente ligadas a uma boa dose de escapismo do cotidiano de violência e opressão das sociedades da época helenística (assim como o forte apelo místico presente nos cultos religiosos). A discussão travada no interior das *póleis* não possuía mais o caráter político da época de Heródoto: um certo individualismo em detrimento do sentimento de coletividade tão bem representado na Atenas clássica e que notamos nas tragédias, como n’*Os Persas* de Ésquilo, não existia mais.

Os historiadores e escritores não se dirigiam mais à *comunidade política*, mas ao *indivíduo*. Nesse contexto, a história universal aparece como um gênero a que a grande maioria dos historiadores se dedica incorporando aspectos extraordinários<sup>16</sup> da *oikoumēne*, e, também, lições da história. O caráter didático de tais obras visava ao “esclarecimento moral do mundo” incitando o leitor a uma *areté* moral. Essa *areté* moral, entretanto, não levava a uma politização de tais extratos médios, mas visava a definir um tipo de comportamento *virtuoso*. Os historiadores dirigiam-se a seu público não para refletir politicamente sobre a ordem vigente, mas para estabelecer comportamentos individuais a partir de modelos de grandes figuras da história e de como aquelas agiram diante das instabilidades da Fortuna.

No caso de Diodoro, os relatos de batalhas permeiam praticamente todos os escritos que se centram na figura de um líder (general), seu comportamento diante das

---

<sup>15</sup> A própria ideia de “consumir” livros não existia na época de Heródoto.

<sup>16</sup> Diodoro de Sicília dialoga com seu leitor durante toda a sua *Biblioteca Histórica* dizendo explicitamente “que tais ou quais escritos podem ter alguma utilidade para o leitor”.

tropas, sua *philantropía* (palavra cara na *Biblioteca Histórica* de Diodoro) para com os soldados e as populações vencidas. Mesmo com uma sistematização do conhecimento e a descoberta (e, às vezes, inclusão) de povos até então totalmente desconhecidos, o interesse pelos costumes exóticos permaneceu na historiografia grega. Tais historiadores não precisavam mais empreender viagens para conhecer *in loco* os locais descritos, mas frequentar bibliotecas.

Há uma diferença sensível entre a *autópsia* herodotiana e o conhecer *pela leitura* na época helenística.<sup>17</sup> Em tais bibliotecas onde a abundância de materiais era gigantesca, podia-se escrever sobre qualquer tema ou sobre qualquer assunto. O *maravilhoso* diodoriano, longe de refletir uma curiosidade pelo outro, mostra-se sensivelmente atrelado ao interesse que ele supunha ter seu leitor por tal temática (devido à longa tradição etnográfica na historiografia grega).

Sente-se por vezes na leitura da *Biblioteca Histórica* um certo mal-estar do autor ao narrar acontecimentos que ele considera excessivamente fantasiosos, mas justifica o fato de narrá-los, pois porventura poderia haver “algum interesse para o leitor” ou ainda, poderia “ser útil”. A “utilidade para os leitores” é um dos grandes motes da *Biblioteca Histórica* de Diodoro. Se observarmos a utilização de Diodoro de palavras que exprimem o *maravilhoso*, veremos uma clara diferença de sentido dos “livros etnográficos” (os cinco primeiros livros), dos históricos (especialmente a partir do livro XI, pois os livros VI a X são fragmentários).

*Parádoxa* e *thaumázein* exprimem o estranho e o extraordinário no decorrer da descrição dos povos que compõem a *oikoumēne*. Diodoro não demonstra o mesmo espanto herodotiano em relação aos costumes e hábitos extraordinários dos povos que descreve — seria a ausência da *autópsia* herodotiana? —: sua postura é a de um historiador de gabinete que não manteve contato com os povos que descreve e, portanto, não tem o mesmo estupor do viajante. De toda maneira, o mundo da época de Diodoro é bem mais extenso e conhecido do que o de Heródoto e muita coisa presente na *Biblioteca Histórica* já não constituía mais novidade. Por isso, o *maravilhoso* presente na *Biblioteca Histórica* nos relatos anteriores à Guerra de Tróia (o que chamei de livros

---

<sup>17</sup> Tácito em suas *Obras Menores* (A Germânia) descreve, nos século I da época comum os povos germânicos sem jamais ter efetuado uma viagem para observar seu modo de vida e seus costumes.

etnográficos) e o que ele considera espantoso ou maravilhoso difere sensivelmente da parte “histórica” a partir do livro XI.

Diodoro não teve a pretensão de abordar aspectos inéditos em sua obra, mas teve como *télos* escrever uma verdadeira história universal que não fosse apenas uma junção de monografias de histórias locais ou de períodos distintos. Da leitura da mais variada produção historiográfica e científica de sua época, Diodoro compôs uma história honesta e condizente com as preocupações de seu próprio tempo.

Se a história tem também o papel de instrutora do indivíduo, nada mais natural do que inserir em sua narrativa o exemplo dos grandes. Nesse contexto, percebemos a utilização de *parádoxa* como “contra toda expectativa” atrelada a *týchē*, à Fortuna, que permite a Diodoro conduzir a narrativa no sentido de instruir o leitor em seus *comportamentos individuais* ou *virtuosos*.

Não por acaso, encontramos os “grandes homens” nos campos de batalha, o local por excelência onde os poderosos se movem e adquirem *dóxa* e respeito das populações mais humildes às mais poderosas e bem situadas na escala social. É no campo de batalha que os destinos das *póleis* e de seus habitantes são traçados, o que mostra o total desamparo das populações que habitavam a *oikoumēne*. Diodoro se comove com o destino individual tanto de cidades quanto de homens, o que é bastante perceptível em várias passagens.

Mesmo escrevendo e pesquisando em seu “gabinete de trabalho”, por oposição ao viajante que *vê* o que descreve, é visível seu interesse em suscitar no leitor variadas emoções diante do destino com que cada ser humano é obrigado a se confrontar. Esse me parece ser também o sentido de “universal” presente na *Biblioteca Histórica*: o homem é, por natureza, frágil e, mesmo nos momentos de maior glória, está sozinho consigo próprio; sua única possibilidade de agir diante do imprevisível é através da educação moral, que lhe permite adquirir instrumental básico para saber como agir diante do inesperado, única certeza que tem na vida.

A obra de Diodoro reflete uma época de expansão sem precedentes do mundo conhecido e também um modelo grego de *helenidade* que encontrou eco em vários pontos da *oikoumēne* e também no poderoso Império Romano. Já não existe na obra diodoriana a perplexidade ou o espanto presentes, por exemplo, nas *Histórias* de

Políbio, ele mesmo espectador privilegiado da derrocada cartaginesa e da ascensão fulminante de Roma. A história universal de Políbio é na realidade uma tentativa de compreensão da rápida expansão dos romanos. Na época de Diodoro, as conquistas romanas já estão praticamente consolidadas e, diferentemente de Políbio, o início da história para o siciliota não precisa começar com Roma como paradigma da mudança dos tempos. Tais mudanças já ocorreram e ela é senhora absoluta do Mediterrâneo; cumpre a Diodoro mostrar ao leitor o papel que os gregos e sua civilização tiveram para que o mundo se tornasse o que se tornou. Não há, na *Biblioteca Histórica* espanto com o poderio romano e também não há nada que indique, nos primeiros vinte e um livros, que Roma será grande potência<sup>18</sup>: são mencionadas as guerras contra os samnitas (não ocupam mais do que três ou quatro linhas) e outros acontecimentos importantes da história romana (sempre curtos e secos).

Por outro lado, a história grega ocupa parte importantíssima da *Biblioteca*. Todos os principais eventos e figuras gregas (tanto da própria Grécia quanto da Magna Grécia e Sicília) estão presentes na narrativa.

É verdade que devemos levar em consideração a mutilação dos livros referentes à história romana; a leitura dos fragmentos nos mostra um Diodoro admirador de Roma e sua história. Entretanto, o mesmo não escreve uma história teleológica que conduz o leitor na estrada que leva a Roma. A história universal de Diodoro nos mostra a importância dos gregos e de sua história como forjadora do mundo tal como ele estava estruturado em sua época. O motor da história são os conflitos entre os povos e suas diferentes culturas, que são decididos pelos grandes homens nos campos de batalhas. Um exame atento da *Biblioteca Histórica* mostra a importância da *virtú* aliada à Fortuna como definidora do destino da humanidade.

Não me parece gratuito o fato de que os cinco primeiros livros tratem dos costumes dos povos que compõem a *oikoumēne*, situado em um período que não podia ser mensurado pela cronologia comum. A história do Egito e a narrativa de seus costumes e religião iniciam sua longa narrativa da trajetória humana; povo extremamente respeitado na tradição historiográfica e etnográfica grega, a ele é

---

<sup>18</sup> Salvo algumas menções específicas a César, figura que Diodoro admira a ponto de compará-lo a um deus.

dedicado um livro inteiro (como o fez Heródoto em suas *Histórias*), a despeito do plano diodoriano de respeitar a simetria.

Assim, vemos o Ocidente e o Oriente se descortinarem aos olhos de seus leitores mostrando como alguns povos chegaram à vida civilizada e outros permaneceram na barbárie. Os deuses e os heróis desempenharam papel fundamental no caminho rumo ao processo civilizador. Sem eles, tornar-se-ia impossível alcançar tal estágio. Os *parádoxa* nesses livros mostram a diversidade de povos e costumes funcionando como elo de ligação entre os diversos povos da *oikoumēne*. Assim, é possível comparar o clima dos etíopes (Núbia) com o da Cítia (*BH*, III, XXXIII), por exemplo.

A história sincrônica de Diodoro permite ao leitor acompanhar (quase) linearmente os acontecimentos antes da Guerra de Tróia (não datáveis), a história grega até o final do período dos diádocos e a ascensão romana, o que guarda grande coerência com os princípios expostos no prólogo de que sua história teria claramente um tratamento didático. Longe de propor-se a escrever uma história original, Diodoro tem como objetivo *instruir*.

De toda a leitura da *Biblioteca Histórica*, depreendemos que seu autor está longe de ser o mero copista de que a crítica alemã o tachou; por outro lado, não é também o historiador medíocre proposto por Lens Tuero em *Estudios sobre Diodoro de Sicília*, ao discutir sobre a *nova ortodoxia* que está se firmando sobre os estudos diodorianos. Diodoro é um historiador-educador que teve o desejo de instruir o público cultivado (o “homem comum”) no “bem agir”: plano ambicioso, sem dúvida, mas totalmente coerente com o desejo de sistematização do conhecimento de sua época.

Mesmo com todos os problemas que uma empreitada de tal envergadura inevitavelmente colocava, creio que o autor foi bem sucedido. Não cabe a discussão se ele foi melhor ou pior do que seus contemporâneos<sup>19</sup> (tais questionamentos só fazem sentido porque têm como pano de fundo a tragédia da destruição da produção da época helenística). Cabe analisar a obra primeiramente pela perspectiva que o próprio autor deu para ela, o que está claramente explicitado no prólogo. Mais do que escrever uma história universal com a junção de várias obras, o autor da *Biblioteca Histórica* realizou

---

<sup>19</sup> Ou mesmo de seus predecessores como Heródoto, Tucídides com os quais Diodoro é comparado sempre em situação de desvantagem.

escolhas que se adequassem ao seu ponto de partida, ou seja, de uma história capaz de interferir no comportamento do *individuo*.

Procurei discutir como Diodoro constrói os *exemplos morais* através de *portraits* que faz de grandes figuras da história na terceira parte desse trabalho e como pretendeu, através deles, influenciar seu leitor. Pode-se observar isso claramente em suas narrativas sobre Alexandre Magno, Ptolomeu I, Epaminondas, o estrategista tebano, Eumeno de Cardia, Antígono Monofalmo e uma infinidade de outras figuras.

Como eles chegaram ao poder? O que tiveram que realizar? Como se comportaram diante da roda da Fortuna e do inesperado? Que proveito moral os homens *comuns* poderiam tirar de tais situações? Como se deu o longo processo de formação das sociedades humanas? Que caminho percorreram? Qual o papel dos gregos e de sua cultura durante todo esse processo? O que o homem comum pode aprender com tudo isso? Eis, a meu ver, umas das principais questões que moveram Diodoro durante seus trinta anos de pesquisa e um dos muitos motivos pelos quais foi tão pouco respeitado. Seu livro, embora trate dos grandes, não foi para eles escrito: seu destinatário é o homem comum que precisa não só de conhecimentos, mas também de um *instrutor* que age na realidade, como um juiz indicando o caminho a ser seguido. Se tivesse escrito para *poderosos* e não para *homens comuns* teria tido o mesmo julgamento negativo? Perguntas que muitas vezes não podem ser respondidas, mas que ajudam a pensar no *mal amado* Diodoro.

## Bibliografia

DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, I, 1993. Introduction générale par François Chamoux et Pierre Bertrac. Texte établi par Pierre Bertrac et traduit par Yvonne Vernière. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, T. 2 Livre II, 2003. Texte établi et traduit par Bernard Eck. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, III, 1989. Texte établi et traduit par Bibiane Bommelaer. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, 2002. Tome VI, Livre XI, Texte établi et traduit par Jean Haillet. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XII, Texte établi et traduit par Michel Casevitz. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XIV, 2002. Texte établi et traduit par Martine Bonnet et Eric R. Bennett. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XV, Texte établi et traduit par Claude Vial. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XVII, 1976. Texte établi et traduit par Paul

- Goukowsky. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XVIII, 1978. Texte établi et traduit par Paul Goukowsky. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XIX, 1975. Texte établi et traduit par Françoise Bizière. *Naissance des dieux et des hommes*. *Bibliothèque Historique Livres I et II*. Paris: Les Belles Lettres, 1991. Introduction, traduction et notes par Michel Casevitz. Préface de Pierre Vidal-Naquet. *Bibliothèque Historique*. Fragments. Livres XXI-XXVI. Paris: Les Belles Lettres, 2006. Texte établi, traduit et commenté par Paul Goukowsky.
- CABANES, Pierre. *Le monde hellénistique. De la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée. (323-188)*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- COMPAGNON, A. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- HARTOG, F. *Mémoire d'Ulysse: récits sur la frontière en Grèce ancienne*. Paris: Gallimard, 1996.
- MEISTER, Klaus. *Die griechische Geschichtsschreibung. Von den Anfängen bis zum Ende des Hellenismus*. Stuttgart/ Berlin/ Köln: W. Kolhammer, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Die sizilische Geschichte bei Diodor von den Anfängen bis zum Tod des Agatokles*. Quellenforschungen zu Buch IV- XXI. Diss. München, 1967.
- MOMIGLIANO, A. *Problème d'historiographie ancienne et modern*. Paris, Gallimard, 1993.
- MOTA, C. C. M. *Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, pai da história?* Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. *The lessons of universal history of Diodorus of Sicily's: An education process of humanity*. Saarbrücken: VDM Verlag, 2010.
- SACKS, Kenneth S. *Diodorus Siculus and the first century*. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1990.

Recebido em Julho de 2016  
Aprovado em Novembro de 2016

